

Infância e Morte: um Estudo Acerca da Percepção das Crianças sobre o Fim da Vida

Amanda Reginato de Mello¹
Denice Bortolin Baseggio²

Resumo

Este artigo discute a percepção das crianças sobre a morte, destacando a responsabilidade dos pais e da escola para abordar esse tema. Trata-se de pesquisa qualitativa de cunho exploratório realizada em uma escola da rede particular de ensino do interior do estado do Rio Grande do Sul. Participaram da pesquisa oito crianças entre meninos e meninas com idades entre nove e dez anos. Para coleta de dados, utilizou-se o teste projetivo Fábulas, principalmente a lâmina F4A que remete ao tema da morte, além de um desenho sobre o que esta representou para cada participante. Os resultados mais relevantes, interpretados à luz da teoria psicanalítica, foram divididos em quatro categorias: as maneiras de morrer (doenças e violência); a morte associada a pessoas mais velhas; conceitos de irreversibilidade, não-funcionalidade e universalidade e experiência pessoal. Constatou-se que a experiência de perdas é um fato marcante na vida das crianças. No desenho, percebeu-se o tema da morte relacionado a situações tristes, tais como cenas de enterros, velórios, caixões, indicando que essas crianças a compreendem como finita, universal e irreversível. Como proposta interventiva, sugere-se que as escolas adotem estratégias sólidas para abordar o assunto, dispondo, para tanto, de tempo e profissionais (psicólogos e psicopedagogos) capacitados.

Palavras-chave: Família. Infância. Luto. Morte. Psicologia.

Childhood and Death: a Study on Children's Perception of the End of Life

Abstract

This article discusses children's perception of death, stressing the responsibility of parents and school to address the issue. It is a qualitative exploratory research carried out in a private school in the inner State of Rio Grande do Sul. Girls and boys aged nine to ten years old participated in the research. Data was collected using the projective Fairy Tales Test, mainly the F4A slide that refers to the theme of death, and also a drawing showing what it represented to each participant. The most relevant results, interpreted in the light of psychoanalytical theory, were divided into four categories: ways of dying (diseases and violence); death associated to older people; concepts of irreversibility, non-functionality, and universality; and personal experience. Therefore, it was found that the experience of loss is a remarkable fact in children's lives. The drawings showed the theme of death associated to sorrowful situations, such as images of burials, funerals, and coffins, indicating that these children understand it as finite, universal, and irreversible. As interventional proposal it is suggested that schools adopt solid strategies to address this issue, therefore providing time and trained professionals (psychologists and educational psychologists).

Key-words: Family. Childhood. Mourning. Death. Psychology.

1 Psicóloga, formada pela Faculdade Meridional - IMED, Passo Fundo – RS. Email: amanda.reginato@yahoo.com.br

2 Psicóloga. Especialista em Psicologia Clínica e Mestre em Educação pela Universidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul. Docente e Coordenadora Geral de Estágios do Curso de Psicologia da Faculdade Meridional, Rio Grande do Sul. Email: denice.baseggio@imed.edu.br

O tema da morte está presente em todos os lugares. Diariamente, as pessoas são expostas a cenas de violência na televisão, doenças que ameaçam a vida e guerras. Contudo, as pessoas, de uma maneira geral, evitam falar de morte, principalmente com as crianças, que são consideradas “indefesas” (Kovács, 1992).

Muitas vezes, os adultos evitam tocar no assunto morte, por se tratar de um tema que evoca seus “medos”, inclusive seu próprio medo da morte. Porém, não há como negar a sua existência e relevância de estudos sobre este assunto, por isso, alguns autores, como Kovács (1992), Bromberg (1997), Torres (1999) e Paiva (2011), afirmam que a melhor forma de falar sobre o tema morte com as crianças é através de uma comunicação aberta, discutindo ideias de maneira sincera, estando disposto a responder questionamentos e, principalmente, não evitando este tema, pois, deve-se abrir espaço para a discussão sobre a morte na família e na escola.

A família, por ser o primeiro vínculo social de uma criança, é o lugar no qual ela tem suas primeiras experiências de vida e morte. Já, na escola, é onde tem seu primeiro contato com o mundo exterior, onde tem as primeiras relações sociais com professores e colegas, passa pelos primeiros desafios da vida, enfrenta a separação dos pais e do lar. Sendo assim, são lugares de grande importância para a discussão do tema morte, eis que são dois espaços que marcam o início de uma vida, onde surgem medos, dúvidas e novidades. Desta forma, na família, cabe aos pais serem sinceros e abertos, ao falarem da morte, e, na escola, é necessário um espaço de discussões e aprendizado sobre o ciclo de vida (Kovács, 1992).

Conforme Wottrich al. (2009), o estudo deste tema se justifica por haver, em geral, dificuldades em falar sobre a morte como parte do processo de ensino aprendizagem e do desenvolvimento dos seres humanos. Com isso, ressalta-se a necessidade de discutir e refletir o tema nas instituições de ensino, pois a comunidade escolar entra diariamente em contato com a morte, de forma direta ou indireta.

Partindo da premissa de que os pais, a escola e as pessoas em geral apresentam dificuldades em falar e esclarecer as questões que envolvem a finitude da vida, o presente estudo busca compreender a percepção das crianças frente ao fim da vida, ou seja, diante da morte. Compreender também quais os sentimentos presentes diante do tema da morte, verificar os recursos psicológicos que as crianças utilizam, ao pensarem em situações de morte, e perceber, através da narrativa das histórias e das representações gráficas, a reprodução (projetiva) desta temática.

Para tanto, utilizou-se de pesquisa qualitativa exploratória, que, segundo Diedrich (2007), visa proporcionar mais informações sobre determinado assunto e facilitar a delimitação de um trabalho.

Deste modo, a coleta dos dados foi realizada a partir da aplicação do teste das Fábulas, mais especificamente da lâmina F4A, a qual representa o tema da morte, e também de um desenho referente à lamina. Os dados obtidos foram interpretados à luz da teoria psicanalítica e analisados pela análise de conteúdo de Bardin (2010), sendo que esta análise faz-se necessária para possibilitar uma compreensão dos discursos dos participantes e das possíveis relações existentes entre os objetivos da pesquisa.

Ao nascer, a criança é dotada de alguns poucos reflexos e de um psiquismo absolutamente primitivo. Neste período, o contato com a figura materna é indispensável e facilitará a organização daquele

caos em que se constitui o psiquismo da criança. É a partir do vínculo com esta figura importante, carinhosa, provedora e estimuladora, que a criança irá, gradualmente, diferenciando o seu ego, possibilitando o desenvolvimento de um sentimento de identidade pessoal (Rappaport et al., 1982).

Desta forma, os autores que estudam desenvolvimento humano dividem a infância de forma didática em três principais momentos. A Primeira Infância é o período do nascimento até os três anos, a Segunda Infância trata-se dos três aos seis anos, a Terceira Infância dos seis aos onze anos e, por fim, a adolescência dos onze aos vinte anos (Papalia, Olds & Feldman, 2010). Observa-se que o presente trabalho refere-se a crianças que fazem parte da terceira infância, momento em que diminui o egocentrismo e estas começam a pensar com lógica, porém, concretamente. Os ganhos cognitivos permitem à criança beneficiar-se da instrução formal da escola.

Segundo Kusnetzoff (1982), Freud identificou cinco estágios do desenvolvimento psicosssexual, sendo eles: estágio oral, anal, fálico, latência e genital. Vale ressaltar que a sexualidade referida por Freud ainda tem pouco a ver com a genitalidade, pois está ligada ao carinho e ao afeto. Para Rappaport et al. (1982), as crianças entre os seis e os onze anos fazem parte do estágio de latência, que é um momento intermediário entre as etapas infantis da libido e da idade adulta, caracterizada pela fase genital.

Explicam Papalia, Olds e Feldman (2010) que a fase de latência é um período de tranquilidade sexual. É um momento em que as crianças se socializam, desenvolvem habilidades e aprendem sobre si próprias e a sociedade.

O primeiro grande vínculo afetivo da criança acontece com a mãe. Para Ferreira et al. (2011), este vínculo inicia-se na gestação e depois é fortalecido na amamentação e nos cuidados da mãe com seu bebê. O vínculo, segundo Bowlby (2006), é um laço duradouro que se estabelece com um indivíduo. O apego é uma disposição para buscar proximidade e contato com uma figura específica, no caso, a mãe ou o cuidador, é neste momento que se estabelece o “senso de segurança”. Vale lembrar que, na visão de Ribas e Moura (2004), o apego vai muito além das manutenções das funções fisiológicas como alimentação e vestimenta, eis que a criança necessita do afeto seguro, aquele que lhe garantirá uma relação calorosa e íntima com a mãe.

Após este período, à medida que a criança cresce, os pais a tratam de maneira diferente, ocorrendo uma atualização natural dos modelos. Ramires e Schneider (2010) destacam que as crianças que desenvolveram um apego seguro seguem para sua independência, estabelecem confiança na relação com os pais e, gradualmente, passam a ver o mundo de maneira segura.

Porém, alguns pais sentem a necessidade de levarem seus filhos à independência de maneira precoce, o que pode resultar num processo inverso, já que as crianças podem se tornar muito dependentes dos pais, por não terem passado por esse período de transição, e a consequência disso são os medos que podem durar a vida toda. Neste sentido, destaca-se que tanto o apego seguro quanto a dependência dos pais implicam no modo como o indivíduo lidará com as perdas posteriores de sua vida. Se o apego for seguro e as necessidades físicas e emocionais forem satisfeitas nas primeiras relações, a criança se sente protegida e sem temores.

Entretanto, se a relação for estabelecida de forma insuficiente, a criança terá dificuldades de construir sua independência e lidar com as perdas posteriores (Brum & Schermann, 2004).

Mais tarde, a criança começa a passar por perdas mais concretas, como situações de mudanças de série, troca de professores e cuidadores, mudança de escola, de cidade e processos de separação. Paiva (2011) observa que estas perdas são chamadas de mortes simbólicas e, mesmo que estas situações não sejam consideradas mortes reais, abalam o psiquismo da criança. É a partir da elaboração destas chamadas mortes simbólicas que, posteriormente, serão elaboradas as mortes reais.

Morte significa cessação da vida, fim, destruição, ruína, pesar profundo (Ferreira, 2011). Nos dias de hoje, evita-se falar deste assunto, porém, nem sempre foi assim. Fazendo-se um resgate histórico a respeito da morte, compreende-se que, na idade média, a morte era vista como algo natural, o enfermo deveria despedir-se de seus familiares e amigos, e a morte era um acontecimento público. Com o passar dos séculos, conforme evidenciam Wottrich al. (2009), a morte passou a ser vista de uma forma diferente, ou seja, afastada da sociedade, que pouco fala neste assunto, com isso, ganhou um caráter dramático, transformou-se em um tabu, em um tema “proibido”, principalmente para crianças. Todavia, não se pode negá-la, eis que tudo que é vivo um dia morre, sejam as plantas, os animais e os vegetais. A morte é um processo natural do ciclo da vida, mas todos sofrem diante dela.

O luto foi descrito por Freud (1996), em seu texto *Luto e melancolia*, como a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou lugar de um ente querido. Em algumas pessoas, as mesmas influências podem levar à melancolia, produzindo uma disposição patológica. Porém, espera-se que o luto seja superado após um período de tempo, assim, pode ser desnecessária, ou mesmo prejudicial, qualquer interferência em relação a ele. Freud destacou ainda o trabalho que o luto realiza, posto que “o teste de realidade revelou que o objeto amado não existe mais, passando a exigir que toda a libido seja retirada de suas ligações com aquele objeto”. (Freud, 1996, pp. 250)

O luto é um período que ocorre após a perda, cujo objetivo é a adaptação, um momento para o indivíduo acostumar-se emocionalmente a essa perda (Ferreira et al., 2011). Conforme Paiva (2011), o processo de luto é um momento difícil, onde se deve pensar em retomar à rotina e lidar com a saudade de quem já se foi, para o adulto, é um momento de dúvida e tristeza e, para a criança que está em processo de desenvolvimento cognitivo e emocional, é ainda mais difícil compreender esse processo.

Cabe ressaltar que a maneira como a morte é compreendida é dinâmica ao longo do desenvolvimento humano. Von Hohendorff e Melo (2009) afirmam que o ser humano tem contato com as perdas desde a infância. Deste modo, a criança sofre com as perdas desde seu nascimento, como, por exemplo, a perda da vida uterina, das fezes na fase anal, a mudança de cuidadores, a mudança de escola, a separação dos pais, entre outras. Assim sendo, os vínculos afetivos que ela estabelece nesta fase são determinantes para que, futuramente, frente de forma saudável as perdas e mortes reais. (Paiva, 2011)

A compreensão da morte é um processo lento na vida de uma criança que percebe desde o seu nascimento perdas importantes. Paiva (2011) ensina que, com o passar da idade e o amadurecimento cognitivo, a criança começa seu lento processo de entendimento dos conceitos de finitude, até chegar à adolescência, que é o final do ciclo de compreensão, com a total compreensão do assunto.

Sabe-se que não apenas a idade cronológica determinará o nível de entendimento da criança a respeito da morte, de acordo com Torres (1999) e Paiva (2011), outros fatores contribuirão para isso, como o desenvolvimento cognitivo e situações socioexperenciais de confronto com a morte. As autoras ainda afirmam que existem três componentes básicos para a aquisição do conceito de morte, sendo eles: irreversibilidade, entendimento de que o corpo físico não pode viver depois da morte; não-funcionalidade, compreensão de que todas as funções constituintes da vida cessam com a morte; e universalidade, compreensão de que tudo que é vivo (animais, plantas e seres humanos) um dia morre.

Do mesmo modo, Paiva (2011) e Torres (1999) evidenciam que estudos sobre a aquisição do conceito de morte pelas crianças, baseados nas etapas estipuladas por Jean Piaget, demonstram que, para cada estágio de desenvolvimento, a criança compreende a morte de uma forma, desde sua fase bebê até a adolescência. Assim, no período sensório-motor, para crianças de 0 a 2 anos (antes da aquisição da linguagem), o conceito de morte não existe, a morte é entendida pela ausência e falta, a morte corresponde à experiência de dormir e acordar. No período pré-operacional, as crianças de 3 a 5 anos compreendem a morte como um fenômeno transitório e reversível. Não diferenciam os seres animados dos inanimados, entendem a morte ligada à imobilidade, apresentam pensamento mágico, ou seja, para elas, tudo é possível. No período operacional (de 6 a 9 anos), as crianças entendem a oposição entre vida e morte, compreendem a morte como um processo imutável e permanente. Entendem a irreversibilidade da morte. E, no período de operações formais (de 10 anos até a adolescência), o conceito de morte, devido ao pensamento formal, torna-se mais abstrato.

Neste sentido, à medida que a criança vai passando pelos estágios estipulados por Piaget, vai se tornando capaz de compreender a morte como finita, irreversível e universal, processo que acontece com todas as pessoas. Conforme Torres (1999) evidencia, o desenvolvimento do conceito de morte também está ligado a outros fatores, como o desenvolvimento psicológico individual, aspectos da vida social, intelectual e experiências de vida.

Cabe ressaltar que outro fator importante para a compreensão da morte é a influência dos meios de comunicação. Em um estudo realizado por Kovács (2008), observou-se que a televisão também influencia a forma de encarar a morte, ao exibir a morte de personalidades importantes e de pessoas anônimas sem respeitar a individualidade ou a privacidade das pessoas. Os noticiários apresentam imagens fortes, de dor e sofrimento e, consequentemente, provocam sentimentos nos espectadores, porém, não há tempo para reflexão e elaboração disso. As crianças também são expostas a estas cenas, inclusive em desenhos animados, fato que pode, muitas vezes, dificultar a compreensão da irreversibilidade da morte, ao trazer recorrentemente a imagem do acidente ou da pessoa viva.

Além da influência da televisão, a velhice repercute no modo de compreender a morte por parte das crianças. Lopes e Park (2007) em uma pesquisa realizada sobre a representação social de crianças acerca do velho e do envelhecimento destacaram que as crianças associam a imagem do velho com doenças, limitações, fragilidade e a morte. Isto se deve às pesquisas que indicam que os velhos apresentam mais problemas de saúde do que a população em geral.

Deste modo, percebe-se que há vários elementos que influenciam a compreensão da morte pela criança, tais como a idade cronológica, a constituição psíquica, os aspectos da vida pessoal, como as experiências de perdas, fatores que influenciarão no luto posterior.

Quando se fala de morte, logo as pessoas são tomadas por um sentimento de perda, principalmente quando deparam-se com a perda de alguém muito querido e amado. Os adultos, mesmo compreendendo a morte como algo natural do ciclo da vida, possuindo um mundo cheio de tarefas e vínculos, sofrem diante da perda de uma pessoa querida. Então, pode-se imaginar as dificuldades da criança, que ainda não consegue compreender totalmente o conceito de morte e tem seu mundo limitado aos pais e, quando muito, à escola.

Assim, é importante destacar que é ainda mais angustiante para a criança lidar com o luto. Neste aspecto, Ferreira et al. (2011) salientam que a criança vive em contato com o lúdico, onde tudo é reversível, inclusive a morte, por este motivo, é mais difícil para ela compreender a morte. Devido a esta dificuldade cognitiva e emocional da criança em significar a perda, a elaboração do luto é processada ao longo de sua estruturação psíquica, isto é, em distintos momentos de sua vida, à medida que vai podendo significar o que viveu (Franco & Mazorra, 2007). Porém, a forma pela qual a criança reagirá diante da morte é própria de cada uma. Conforme Louzette Gatti (2007), a duração e a intensidade dos sentimentos dependerão tanto de sua personalidade quanto do seu vínculo afetivo com a pessoa falecida.

Contudo, independente da personalidade, Bromberg (1997) ensina que existem algumas variáveis que influenciam no processo de luto da criança, sendo elas: a relação que tinha com a pessoa que morreu; as causas e circunstâncias da perda, principalmente, como isso é contado para ela e se há possibilidade de fazer questionamentos. Assim, importa destacar que, para que ocorra a compreensão da morte pela criança, com os recursos que o desenvolvimento permite, ela não deverá ser excluída da experiência da perda, pois isso a ajudará a testar a realidade.

Entende Aberastury (1984) que a criança tem uma aguda capacidade de observação, não apenas para o mundo físico, como também para o psicológico. Muitas vezes, os adultos mentem, acreditando que estão protegendo-a e que, se negarem o fato, a dor vai sumir magicamente. Entretanto, a criança expressa seu temor à morte através da linguagem não-verbal e, mais frequentemente, da linguagem verbal, mas, em todos os casos, é o adulto que tem que enfrentar este problema. Diante disso, Kovács (1992) destaca que, quando o adulto evita falar sobre o tema da morte com a criança, sua reação pode ser a manifestação de sintomas, pois o que ocorre, a criança se sente confusa e desamparada, sem ter com quem conversar. Abramovich (1999), citado por Paiva (2011), afirma que é fundamental discutir com elas, de modo verdadeiro, honesto,

aberto, como isso acontece, a fim de que possam compreender a morte como um fechamento natural de um ciclo.

Portanto, se há dificuldades para os pais lidarem com a morte, a escola, por ser um centro de formação e informação do indivíduo, pode ser um importante espaço de educação para a morte, sendo também a instituição mais próxima da família. Paiva (2011) acrescenta que, para haver uma real parceria entre família e escola, esta deve abrir espaço para promover informações sobre temas existenciais, entre eles, a morte, para, então, poder orientar a família na condução destas questões com a criança.

A família e a escola são, sem dúvida, instituições formadoras dos processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsoras ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual, emocional e social. Na escola, os conteúdos curriculares garantem a instrução e apreensão de conhecimentos, havendo uma preocupação central com o processo ensino-aprendizagem. Já, na família, os objetivos, conteúdos e métodos se diferenciam, fomentando o processo de socialização, a proteção, as condições básicas de sobrevivência e o desenvolvimento de seus membros no plano social, cognitivo e afetivo (Dessen & Polonia, 2007).

A escola é o segundo lugar de segurança para uma criança, já que o primeiro é a família, sendo percebida por muitos como um segundo lar. Por conta disso, Paiva (2011) enfatiza que a escola é um lugar de socialização e aprendizado e que também possui a difícil tarefa de educar para a vida. Do mesmo modo, Kovács (1992) diz que a educação é um espaço de desenvolvimento pessoal e, sendo assim, deve propiciar lugares de reflexão e discussão sobre o tema da morte desde a educação infantil até a formação profissional. Este processo reflexivo deve envolver aspectos cognitivos e afetivos, estimulando questionamentos e discussões acerca de experiências vividas, práticas profissionais e abordagens teóricas sobre o tema.

Método

A coleta de dados foi realizada através da aplicação de uma técnica projetiva chamada Teste das Fábulas de Jurema Alcides Cunha e Maria Lúcia Tiellet Nunes. As técnicas projetivas são como instrumentos que geram hipóteses interpretativas e são importantes ferramentas para a identificação de características e traços de personalidade. Neste tipo de instrumento psicológico, o sujeito atribui as próprias qualidades e necessidades a estímulos externos, sem que tome consciência disso (Villemor-Amaral & Werlang, 2011).

O Teste das Fábulas foi criado com referencial teórico essencialmente freudiano, sendo uma série de historietas incompletas, desenvolvidas como um método de investigação de conflitos inconscientes (Cunha & Nunes, 1993). O Teste foi utilizado com o objetivo de detectar as percepções das crianças sobre a morte e as perdas vivenciadas na infância. O Teste foi usado por completo, porém, foi feito um recorte das principais partes relacionadas ao tema, quais sejam: separação, morte e luto. O Teste não está validado pelo Conselho Federal de Psicologia, mas pode ser usado em pesquisas.

O estudo realizado trata-se de uma pesquisa de campo qualitativa de cunho exploratório, posto que buscou coletar mais informações sobre um determinado assunto (Diedrich, 2007).

Após a aplicação do Teste para cada participante, a pesquisadora apresentou-lhes novamente a lâmina quatro (F4A - representante do tema morte) e solicitou que fizessem um desenho para representar o que compreenderam sobre a lâmina apresentada. Para Ferro (1995), o desenho é uma representação dos tipos de relações presentes no mundo emocional da criança, então, pode-se considerá-lo como uma brecha de seu mundo interno.

A coleta de dados ocorreu no período de setembro de 2012 após a aprovação do Comitê de Ética da Faculdade Meridional com parecer número 104528. Posteriormente à aplicação do Teste das Fábulas, ocorreu a interpretação dos dados através da análise de conteúdo de Bardin (2010).

Participaram do estudo 8 crianças com idades entre 9 e 10 anos, meninos e meninas, que estudam em uma escola da rede particular

de ensino, e que estavam matriculadas e cursando regularmente o quarto ano do ensino fundamental no período de setembro de 2012. Os pais autorizaram a participação dessas crianças mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As crianças foram escolhidas de forma intencional pelo representante responsável da escola, com o intuito de incluir aquelas que não passaram pela situação de morte e, conseqüentemente, de luto, bem como as que não possuem o desejo de participar.

Cumprido salientar que se buscou preservar os direitos dos participantes, assegurando-lhes o sigilo de identidade, por isso, neste artigo, estes receberam nomes fictícios.

Tabela 1. Descrição dos participantes

Nome	Idade	Escolaridade
Marcos	8 anos	4 ano fundamental
Patrícia	9 anos	4 ano fundamental
Felipe	9 anos	4 ano fundamental
Carlos	10 anos	4 ano fundamental
Pedro	9 anos	4 ano fundamental
Lucas	9 anos	4 ano fundamental

Fonte: primária.

Análise das informações

As informações coletadas pela aplicação do teste tal e dos desenhos foram posteriormente organizadas numa tabela, e posteriormente

efetuada a análise qualitativa das informações, conforme demonstrado no exemplo da tabela 2.

Tabela 2. Exemplo de organização das informações

Participante	F4A	F4B	F5	Desenho
Marcos	Pode ser o filho, o pai, se eu tava ali eu perguntava: Tua mãe tá aqui? Ou teu filho? E se diz não, tá lá no caixão. Ou o pai, se tava mal com gripe ou se foi assassinado".	Eu já tive medo de ladrão, de faca e de monstro, o ladrão tem armas, que matam, às vezes, machucam as pessoas".	[...]	A família está chorando, uma pessoa da família morreu, no desenho foi o pai. Estava gripado muito doente, o pai foi pro céu".

Fonte: primária.

Resultados e discussão

A análise dos dados foi realizada a partir das informações obtidas através da aplicação do Teste das Fábulas e do desenho referente à lâmina F4A, bem como da utilização do referencial bibliográfico psicanalítico para fundamentar teoricamente os dados obtidos. Na explicação da fábula, a criança deveria continuar a seguinte história: "Um enterro está passando nas ruas da cidadezinha e as pessoas

perguntam: quem morreu? Alguém responde: é uma pessoa da família que mora naquela casa. Quem é que morreu?". Após a aplicação do Teste, foi solicitado que fizessem um desenho a respeito da mesma lâmina, com o objetivo de colher mais informações projetivas sobre o tema.

Como referido anteriormente, Torres (1999) afirma que a morte para a criança não é apenas um desafio cognitivo, ou seja, um desafio

para seu pensamento, visto que é também um desafio afetivo. Deste modo, como já mencionado acima, a criança necessita de três conceitos básicos para compreender a morte, sendo eles: irreversibilidade, não-funcionalidade e universalidade. Estes conceitos são importantes, pois ocorre um amadurecimento cognitivo a partir do qual a criança passa a compreender que as pessoas que morrem não voltam mais, a entender que, quando alguém morre, o corpo deixa de funcionar e, por fim, que a morte acontece com todas as pessoas. Conforme afirma Ferreira (2011), o conceito de reversibilidade é adquirido no período de operações concretas estipuladas por Piaget, período entre os 7 aos 11 anos.

As crianças que participaram da pesquisa tinham entre 9 e 10 anos e, de acordo com Torres (1999) e Paiva (2011), estavam no período de operações concretas estipulado por Piaget, portanto, já apresentavam os três conceitos básicos de compreensão da morte. Isso pode ser verificado nas falas dos seguintes participantes: “todo mundo morre” (Marcos), em que pode-se verificar o conceito de universalidade, o qual refere-se que tudo que é vivo um dia morre. Em outra fala, observa-se o conceito de não-funcionalidade: “só que, quando morre, não acorda mais [...]” (Carlos), o qual se refere à compreensão de que, na morte, todas as funções básicas para a vida deixam de existir, ou seja, a respiração, os batimentos cardíacos e os movimentos.

Para Von Hohendorff e Melo (2009), estes conceitos são aspectos fundamentais para a compreensão do tema morte. No estágio operacional, a criança é capaz de entender a reversibilidade das coisas que a cercam. Consequentemente, conhecendo a reversibilidade, a criança consegue conceber a irreversibilidade.

Diante disso, Torres (1999) destaca o fato de que a aquisição do conceito de morte pelas crianças não está somente correlacionado com a idade, mas depende também de aspectos sociais, psicológicos, intelectual e da experiência de vida. Este aspecto foi constatado na fala de Marcos:

Meu tio ficou mal, e não podia mais caminhar. Não sabia se ele poderia morrer, mas acho que não, fiquei triste. Um primo meu bateu o carro, ele sempre bate o carro, a pessoa pode morrer, ou quebrar partes do corpo.

Segundo Von Hohendorff e Melo, “além da influência do desenvolvimento cognitivo, a experiência da criança com relação à morte e as representações formais à disposição na cultura também estão diretamente relacionadas com a elaboração do conceito de morte” (2009, pp. 484). Este dado ficou evidente na fala de mais três crianças que afirmaram: “era tipo o padre Oscar, as crianças choraram e procuraram se acalmar” (Patrícia); “é que nem a minha cabeleireira, quando ela vai viajar, ela não dorme porque tem medo de não acordar, só que, quando morre, não acorda mais, ela tem medo de morrer” (Carlos); “aqui é um caixão com meu tio dentro [...]” (Cris). Verificou-se que, ao se referirem ao tema morte, suas explicações estavam baseadas em suas experiências de vida, apesar de ter sido um critério de exclusão o participante não ter vivenciado perdas reais em sua família. A partir disso, constatou-se que o tema morte é um assunto que não tem como ser evitado, pois ele está no cotidiano de todas as crianças, seja por meio real (morte) ou simbólico (desenhos, filmes, músicas, notícias etc.).

A experiência de perda de animais de estimação também foi uma das respostas, como pode-se verificar na fala de Patrícia: “Minha cachorrinha que morreu, pois o meu avô atropelou o focinho, ela estava com dor, sagrando muito, a mãe chamou ela para ver, ela ficou com Deus, acho que é igual aqui, só que no céu, ela vai pra escola [...]”.

Sobre isso, Torres ressalta que “a morte de um animal de estimação faz com que a criança se defronte com algumas implicações da morte, isto é, com sua própria finitude e com a dor que esta morte provoca”. (1999, pp. 121)

Diante de tais dados, pode-se constatar que a experiência de perdas na família ou no meio social é um dos fatores que contribuem para a compreensão sobre o tema da morte. Esta é uma constatação que pode ser relacionada com a afirmação de Bromberg (1997), o qual diz que algumas variáveis influenciam no luto da criança, sendo uma delas a relação que a mesma tinha com a pessoa que morreu e as causas e circunstâncias da perda, como é o caso de mortes repentinas e violentas.

Na presente pesquisa também foi possível observar a relação que algumas crianças fizeram entre o tema morte, violência, doenças e mortes trágicas. Como respondeu Carlos: “Eu penso em um cemitério, porque alguém morreu, era um velho, ele morreu de câncer”. Pode-se inferir que isso ocorre em razão da influência dos meios de comunicação. Neste sentido, Kovács (2008) lembra que a televisão apresenta programas extremamente violentos, mesmo que sejam destinados às crianças, como é o caso do desenho Tom e Jerry, no qual os personagens ficam se perseguindo, se machucando e se destruindo e, na cena seguinte, aparecem ilesos, reforçando a ideia infantil de que atos de violência não têm efeitos duradouros. Por conta disso, a autora reforça que os veículos de comunicação podem passar a informação de que a violência é natural, ao apresentar cenas de guerra e violência urbana, como homicídios e acidentes.

Além das doenças evidenciadas nas respostas, a violência foi um ponto associado com o tema da morte, como afirmou Lucas: “foi um cara que morreu, e a família não sabe de que ele morreu, a família ficou triste, eles gostavam muito dele, acho que morreu com um tiro na cabeça, e foi pro céu”. A violência apareceu em forma de assaltos, sequestros e armas, conforme pode-se visualizar nas seguintes falas: “eu já tive medo de ladrão, de faca e de monstro, o ladrão tem armas, que matam, às vezes, machucam as pessoas” (Marcos); “foi o pai de três crianças, eles foram assaltados e ele foi sequestrado, o pai foi assassinado” (Pedro).

Os acidentes automobilísticos ou aéreos também surgiram nas respostas, como observa-se na fala de Patrícia (9 anos): “só que um dia o avião caiu, só que a mulher morreu, e o homem não morreu, e o homem não conseguia cuidar da fazenda e foi morar com o menino”.

Na visão de Kovács (2008), a televisão passou a ser um dos grandes educadores sobre a morte para as crianças através de repetidas cenas de violência. Segundo ela, o grande problema desta intensa exposição de imagens fortes, de dor, perda e sofrimento é que provocam sentimentos intensos, sem conceder tempo para reflexão e elaboração. Sendo esta uma forma de banalizar a morte.

Frente às várias possibilidades de enfrentamento da morte, surgiu no presente estudo ainda a questão da velhice. Momento este que é caracterizado pelo declínio das funções corporais, possibilitando maior ocorrência de problemas de saúde e, em casos mais graves, a morte. A pesquisa realizada por Lopes e Park (2007) demonstrou que as crianças relacionam a figura dos velhos a doenças, limitações, fragilidade e morte. Este dado ficou evidente na seguinte fala: “O avô das crianças, porque teve problemas de saúde, tinha problema no coração, morreu de parada cardíaca, tinha noventa e sete anos [...]” (Patrícia).

O mesmo pode ser verificado no relato de Carlos: “[...] é assim tem o pai, a mãe e o filho, ele tem uns sete anos, o mais velho é o avô, é o mais velho e fraco, porque, quando fica velho, fica mais fraco. O filho mais novo foi o que mais se sentiu mal, porque os avôs ajudam e são os mais sábios. Morreu por idade, um dia estava dormindo e o coração parou de bater.” Entende-se que as crianças fizeram esta relação com base em informações que já circulam na sociedade em que estão inseridas, acabando por vincular a ideia de que ser velho é sinônimo de estar doente e próximo da morte (Lopes & Park, 2007).

Conclusões

A questão central deste estudo foi pesquisar a percepção das crianças sobre a morte. Deste modo, pode-se evidenciar que, para que ocorra a compreensão do conceito morte, muitos fatores são importantes neste processo. Dentre eles, a idade, a fase de desenvolvimento, as experiências de perdas, entre outros.

Percebe-se, diante do presente estudo, que as crianças participantes encontram-se no período determinado por Piaget de operacional em transição ao período de operações formais. Com isso, pode-se afirmar que já compreendem a morte, ou seja, todas as crianças que participaram da pesquisa já compreendem os três fatores principais para a aquisição do conceito de morte, sendo estes irreversibilidade, não-funcionalidade e universalidade.

Neste estudo também buscou-se compreender quais os sentimentos estão presentes frente ao tema da morte e verificar os recursos psicológicos que as crianças utilizam ao pensar em situações de morte. Assim sendo, foi possível perceber alguns aspectos incomuns que surgiram na fala das crianças, como o sentimento de tristeza, muitos ligam a morte a situações violentas e relatam experiências pessoais relacionando a morte a pessoas mais velhas.

Outro aspecto importante da presente pesquisa foi perceber por meio da narrativa das histórias e das representações gráficas a reprodução desta temática. Para Ferro (1995), é através do desenho que é possível compreender o mundo interno da criança. Desta forma, pode-se observar os sentimentos presentes diante do tema morte, já que as crianças retrataram as mais diversas situações, como, por exemplo, a reprodução de enterros, cemitérios, pessoas chorando, caixões com pessoas mortas e também o “céu”, que seria a representação de uma nova vida. Para a maioria dos participantes, a morte está relacionada ao final da existência, portanto, há um sentimento negativo frente à perda. Vale ressaltar que apenas duas crianças optaram por pintar o desenho e deixá-lo mais destacado, já

as demais preferiram deixá-lo cru e natural. Isso demonstra que estas crianças que participaram da pesquisa compreendem a morte como um fato triste e, por isso, não investiram no desenho e não utilizaram cores. As marcadas expressões faciais também se destacaram, lembrando, assim, o sentimento de tristeza.

Salienta-se, ainda, a ideia de morte trágica trazida pelas crianças, em decorrência da violência, das doenças e dos acidentes. Estas situações foram evidenciadas nas respostas e são reflexo da sociedade atual. Esta problemática é vivenciada pelas crianças através da influência da televisão e dos desenhos infantis ou mesmo pela própria experiência de vida pessoal.

Diante do exposto, destaca-se o papel da família perante o tema morte, eis que as crianças vivenciam a morte e o luto desde muito pequenas. Com a idade, passam por um amadurecimento cognitivo e psicológico, que as auxilia no entendimento da morte. Porém, a família como uma fonte de segurança e proteção para as crianças, deve abordar este assunto, aliviando-as e preparando-as para este evento inevitável da vida de todos. Isto é, cabe aos pais dialogarem com as crianças a respeito da morte, trazendo o tema para uma dimensão que possa ser assimilada pelas crianças de acordo com seu nível de compreensão, como destacam os autores citados na presente pesquisa. A família deve disponibilizar informações verdadeiras e sinceras sobre o tema e também acolher as crianças para que se sintam compreendidas.

Com base nos dados obtidos, pode-se destacar também o papel da escola, que, assim como a família, desempenha uma importante função na vida de uma criança. Esta tem o papel de formação dos aspectos morais e éticos e a responsabilidade de ensinar os conteúdos curriculares. Então, como é possível abordar assuntos como a finitude e a morte na escola? Este é um difícil questionamento que deve ser discutido com todas as pessoas que ajudam a “construir” a escola, como os pais, os alunos, os professores, os coordenadores e os funcionários. Esta construção coletiva, com o auxílio de uma equipe como psicólogo, médico e pedagogo (através do lúdico), deve propiciar aos alunos um espaço de discussão e compreensão do tema da morte, por meio de palestras, discussões de filmes e livros, entre outros meios.

Conclui-se, portanto, que as crianças entre nove e dez anos compreendem a morte como finita, universal e irreversível. Porém, este assunto ainda é um tabu para a sociedade e o tema é pouco discutido com as crianças, porque os adultos também não se sentem preparados para abordar esta temática. Como proposta da presente pesquisa, sugere-se que as escolas adotem estratégias sólidas e claras para abordar este assunto, dispondo, para tanto, de tempo e profissionais capacitados, como pedagogos e psicólogos, agregando-o à grade curricular dos conteúdos escolares.

Para finalizar, sugere-se ainda que pesquisadores estudem a temática e publiquem seus estudos, para que haja um acúmulo de pesquisas atuais que possam auxiliar a compreender este tema.

Referências Bibliográficas

- Aberastury, A. (1984). A percepção da morte na criança e outros escritos. Trad. de Maria Nestrovsky. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bardin, L. (2010). Análise de conteúdo. Lisboa: Edição 70.
- Bowlby, J. (2006). Formação e rompimento dos laços afetivos. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Bromberg, M. H. P. F. (1997). A psicoterapia em situações de perdas e luto. 2. ed. São Paulo: Editorial Psy.
- Brum, E. H. M. & Schermann, L. (2004). Vínculos iniciais e desenvolvimento infantil: abordagem teórica em situação de nascimento de risco. Rev. Ciência e saúde coletiva, [on line], v. 9, n. 2 [citado em 22 Março 2012], p. 457- 467. Disponível na World Wide Web: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v9n2/20399.pdf>>.
- Cunha, J. A. & Nunes, M. L. T. (1993). Teste das fábulas: forma verbal e pictórica. São Paulo: Centro Editor de Testes e Pesquisas em Psicologia.
- Dessen, M. A. & Polonia, A. da C. (2007). A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. Paideia [on line], v. 17, n. 36 [citado em 20 Maio 2012], p. 21-32. Disponível na World Wide Web: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf>>.
- Diedrich, M. M. (2007). Bê-a-bá da metodologia de trabalhos acadêmicos e científicos: uma orientação prática a alunos de graduação e de pós-graduação. Passo Fundo: IMED.
- Ferreira, A. B. de H. (2011). Aurélio Júnior: dicionário escolar de língua portuguesa. 2. ed. Curitiba: Positivo.
- Ferreira, J. B. A. et al. (2011). Perda e luto na infância: o desvínculo e suas consequências na formação do psiquismo [citado em 12 Março 2012]. Disponível na World Wide Web: <http://fio.edu.br/cic/anais/2011_x_cic/PDF/Psicologia/PERDA%20E%20LUTO%20NA%20INFANCIA.pdf>.
- Ferro, A. (1995). A técnica da psicanálise infantil: a criança e o analista da relação ao campo emocional. Rio de Janeiro: Imago.
- Franco, M. H. P. & Mazorra, L. (2007). Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte de um genitor. Estudos de Psicologia [on line], v. 24, n. 4 [citado em 25 Abril 2007], p. 503-511. Disponível na World Wide Web: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v24n4/v24n4a09.pdf>>.
- Freud, S. (1996). Luto e melancolia (Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, v. XIV). Rio de Janeiro: Imago.
- Kovács, M. J. (1992). Morte e desenvolvimento humano. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kovács, M. J. (2008). Desenvolvimento da tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer. Paideia [on line], v. 18, n. 41 [citado em 14 Outubro 2012]. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2008000300004>.
- Kusnetzoff, J. C. (1982). Introdução à psicopatologia psicanalítica. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Lopes, E. S. L. & Park, M. B. (2007). Representação social de crianças acerca do velho e do envelhecimento. Estudos de Psicologia [on line], v. 12, n. 2 [citado em 13 Out. 2012], p. 141-148. Disponível na World Wide Web: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v12n2/a06v12n2.pdf>>.
- Louzette, F. L. & Gatti, A. L. (2007). Luto na infância e as suas consequências no desenvolvimento psicológico. Revista Eletrônica [on line], v. 1, n. 1 [citado em 2 Abril 2012], p. 77-79. Disponível na World Wide Web: <<http://pt.scribd.com/doc/78205122/Luto-na-infancia-e-as-suas-consequencias-no-desenvolvimento-psicologico>>.
- Paiva, L. E. (2011). Arte de falar de morte para crianças: a literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores. São Paulo: Ideias e Letras.
- Papalia, D. E., Olds, S. W. & Feldman, R. D. (2010). Desenvolvimento humano. 10. ed. Porto Alegre: Artmed.
- Ramires, V. R. R. & Scheneider, M. S. (2010). Revisando alguns conceitos da teoria do apego: comportamento versus representação. Psicologia: Teoria e Pesquisa [on line], v. 26, n. 1 [citado em 23 Março 2012], p. 25-33. Disponível na World Wide Web: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v26n1/a04v26n1.pdf>>.
- Rappaport, C. R. et al. (Coord.). (1982). Psicologia do desenvolvimento, a idade escolar e a adolescência. São Paulo: EPU.
- Ribas, A. F. P. & Moura, M. L. S. de. (2004). Responsabilidade materna e teoria do apego: uma discussão crítica do papel de estudos transculturais. Psicologia: Reflexão e Crítica [on line], v. 17, n. 3 [citado em 16 Março 2012], p. 316- 322. Disponível na World Wide Web: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v17n3/a04v17n3.pdf>>.
- Torres, W. da C. (1999). A criança diante da morte: desafios. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Villemor-Amaral, A. E. & Werlang, B. S. G. (Orgs.). (2011). Atualizações em métodos projetivos para avaliação psicológica. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Von Hohendorff, J. & Melo, W. V. de. (2009). Compreensão da morte e desenvolvimento humano: contribuições à psicologia hospitalar. Estudo e Pesquisa em Psicologia [on line], v. 9, n. 2 [citado em 24 Outubro 2012]. Disponível na World Wide Web: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812009000200014&lng=pt&nrm=iso>.
- Wottrich S. H. et al. (2009). Educação para a morte: aproximações sobre o tema em sala de aula. In Associação Brasileira de Psicologia Social (Org.), Anais do XV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social, Maceió.

<i>Recebido em:</i>	03/05/2013
<i>Enviado para análise em:</i>	03/05/2013
<i>Texto revisado pelos autores em:</i>	22/05/2013
<i>Aprovado em:</i>	07/06/2013
<i>Editor responsável:</i>	<i>Vinicius Renato Thomé Ferreira</i>